

sos serviços antes de receber a forma final.

A apresentação dos medicamentos por classe terapêutica permite, a meu ver, uma utilização freqüente e pouco trabalhosa no ambulatório. Simultaneamente, a existência dos índices por nomes comerciais e genéricos, bem como a bibliografia bem-organizada, facilitam a busca de informação mais extensa, caso seja do interesse do usuário.

Particularmente em uma área muito carente de terapêutica — a do ensino médico —, o Guia representa uma possibilidade importante de melhoria da formação profissional, introduzindo conhecimento mais denso e correto em meio aos folhetos de propaganda com os quais o estudante convive.

Acompanhei, em parte, o trabalho de confecção e avaliação do Guia, impaciente para vê-lo pronto e amplamente divulgado e distribuído. Na verdade, sempre contei que seria tão prático, abrangente e sério como está, pois não

poder-se-ia esperar resultado diferente a partir da equipe que o organizou.

Parabéns a Suely Rozenfeld, Vera Lúcia Edais Pepe e seus colegas pela pertinácia e competência, e peço licença para utilizar o comentário de um dos participantes do seminário de avaliação do Guia, realizado na ENSP em 1991: "O que eu gosto no Guia é a sua petulância". Petulância para ser inteligente, independente, para propor a transformação.

Desejo ver este Guia Terapêutico Ambulatorial na mão de todos os estudantes e profissionais de saúde do país, sempre revisto e atualizado, com tiragens bem grandes, compatíveis com os nossos sonhos de uma melhor atenção à saúde para todos os brasileiros.

Jane Dutra Sayd

Instituto de Medicina Social
Universidade do Rio de Janeiro

Medical Anthropology: Contemporary Theory and Method. Thomas M. Johnson & Carolyn F. Sargent (organizadores). New York: Praeger Publishers, 1990. 479 p., bibliografia, índice. (Brochura) (Versão em capa dura publicada pela Greenwood Press, New York, sob o título *Medical Anthropology: A Handbook of Theory and Method*, 486 p., ISBN 0-313-25947-X, US\$ 95.00) ISBN 0-275-93753-4 US\$ 29.95

Escrito com o objetivo de apresentar o estado da arte no campo da antropologia médica, segundo as palavras dos organizadores, o livro de T. Johnson e C. Sargent vem preencher uma grande lacuna no ensino desta disciplina. Isto porque as outras coletâneas publicadas, como as de D. Landy (MacMillan, 1977) ou de M. Logan & E. Hunt (Duxbury, 1978), estão esgotadas. Além do que, mesmo que ainda estivessem disponíveis no mercado, precisariam passar por uma cuidadosa revisão visando sua atualização.

Dividido em cinco seções, totalizando 19 capítulos, o volume conta com textos assinados

por nomes de destaque no campo da antropologia médica. O cuidado na seleção dos capítulos por parte dos organizadores resultou em um texto denso, rico em novas abordagens, muito apropriado para o ensino ao nível de pós-graduação. Merecem destaque a excelente bibliografia geral, com mais de 1.200 referências, e o índice remissivo, que muito facilita o leitor na localização de tópicos que, muitas vezes, são tratados em mais de um capítulo.

Em sua maioria, os vários autores privilegiam a abordagem da antropologia cultural no entendimento dos fenômenos biológicos, muitas vezes caracterizados como **construções culturais**. Por exemplo, o capítulo de N. L. Etkin (*Ethnopharmacology: Biological and Behavioral Perspectives in the Study of Indigenous Medicines*) argumenta que a **eficácia terapêutica** seria culturalmente construída. A. J. Rubel & M. R. Hass (*Ethnomedicine*) discutem a importância das abordagens êmicas na construção de modelos explicativos acerca do processo saúde/doença, chamando atenção para suas limitações no que tange a comparações interculturais. No campo da psiquiatria, os capítulos de H. F. Stein (*Psychoanalytic Perspectives*) e de C. C.

Hughes (*Ethnopsychiatry*) colocam em cheque a validade universal de diagnósticos e condutas terapêuticas.

A contribuição de T. J. Csordas & A. Kleinman (*The Therapeutic Process*) visa, em parte, uma conciliação entre modelos terapêuticos ocidentais e não-ocidentais. Os autores partem da idéia de que todo processo terapêutico envolve componentes simbólicos e definem determinadas categorias básicas, como cura, tratamento e terapia, de modo a permitir sua aplicação em qualquer contexto cultural. O capítulo de N. J. Chrisman & T. M. Johnson (*Clinically Applied Anthropology*) faz a ponte entre a discussão teórica apresentada por Csordas & Kleinman, à medida que apresenta extensa revisão sobre métodos e possibilidades de abordar a questão da(s) interface(s) entre a clínica e as ciências sociais. Ainda nesta linha, M. Dougherty & T. Tripp-Reimer (*Nursing and Anthropology*) analisam, otimisticamente, as possibilidades de colaboração entre a enfermagem e a antropologia.

Incorporando a vertente teórico-crítica da antropologia cultural norte-americana, os capítulos de L. A. Rhodes (*Studying Biomedicine as a Cultural System*) e de M. Lock & N. Scheper-Hughes (*A Critical-Interpretive Approach in Medical Anthropology*) trazem uma elaborada análise acerca do modelo biomédico, tocando em vários pontos polêmicos. Em última instância, estes autores buscam relativizar o "absoluto" ou o "verdadeiro" no modelo biomédico, que é, segundo os autores, fruto da tradição positivista e cartesiana da ciência ocidental, tratando-o como componente de um sistema cultural mais amplo. S. Morsy (*Political Economy in Medical Anthropology*) ressalta a importância de se incorporar a história e a economia à análise das condições de saúde e da organização dos serviços. Morsy ainda questiona a "neutralidade" na pesquisa etnográfica, chamando atenção para as implicações da influência do pesquisador sobre a "voz" e a "fala" de seus informantes na análise êmica.

Vários capítulos buscam explorar as possíveis interfaces entre a antropologia e a epidemiologia. O capítulo de P. J. Brown & M. C. Inhorn (*Disease, Ecology, and Human Behaviour*) destaca-se pelo esforço dos autores em integrar

o conhecimento sobre a biologia e ecologia da doença com cultura, na tentativa de construir modelos mais abrangentes acerca do processo saúde/doença. Nesta mesma linha, W. R. True (*Epidemiology and Medical Anthropology*) discute os pontos de convergência e de divergência entre as abordagens qualitativa (antropologia) e quantitativa (epidemiologia). O autor aborda questões conceituais acerca dos objetos da investigação antropológica e epidemiológica, além de rever criticamente os conceitos de normalidade, causa e etiologia. W. W. Dressler (*Culture, Stress, and Disease*) tenta retomar o conceito de "stress", já muito desgastado pelo seu uso abusivo e pouco preciso, e aplicá-lo no estudo de doenças, particularmente as de fundo psíquico e crônico-degenerativo. Ainda nesta linha, L. A. Bennett & P. W. Cook Jr. (*Drug Studies*) exploram a possível contribuição da antropologia em estudos e programas envolvendo o consumo de drogas alucinógenas, álcool e tabaco.

No campo da antropologia aplicada aos estudos populacionais, o capítulo de P. Handwerker (*Demography*) enfatiza a metodologia. Além de apresentar ampla revisão sobre questões demográficas de interesse para a antropologia (e.g., a intensificação da agricultura *versus* crescimento populacional, pressões ambientais sobre as populações, etc.), o autor também discute a importância e a aplicabilidade de indicadores demográficos selecionados em estudos antropológicos. A contribuição de C. H. Browner & C. F. Sargent (*Anthropology and Studies in Human Reproduction*) destaca a dimensão cultural do comportamento reprodutivo humano. Os dois capítulos complementam-se, pois, enquanto Handwerker adota uma aproximação mais quantitativa, com ênfase em indicadores populacionais, Browner & Sargent discutem os aspectos cognitivos (etnofisiologia) sobre concepção, desenvolvimento fetal e parto, dentre outros pontos, enfatizando a influência de fatores culturais na tomada de decisões por parte de mulheres em diferentes sociedades.

Os capítulos de M. Last (*Professionalization of Indigenous Healers*) e de R. A. Rubinstein & S. D. Lane (*International Health and Development*) voltam-se para as aplicações práticas da pesquisa antropológica nos serviços de saúde.

Last trata da questão da profissionalização de agentes de saúde locais (ou indígenas, como prefere o autor) em diferentes países, indo desde o modelo soviético, caracterizado pelo controle estatal, quase que não permitindo a expressão de outras práticas que não a oficial, até os modelos nigeriano, hindu e britânico. Este último, segundo os autores, está entre os mais pluralistas. Rubinstein & Lane discutem o impacto dos grandes projetos financiados por agências internacionais como a USAID, WHO, UNICEF, dentre outras, abordando o papel do antropólogo nestes programas. Finalmente, o capítulo de P. J. Pelto & G. H. Pelto (*Field Methods in Medical Anthropology*) aborda, sucintamente, a questão do método antropológico e sua aplicação no estudo das doenças. Os autores apresentam o que consideram serem as questões básicas para a investigação em

antropologia médica e discutem o desenho da pesquisa, unidades de pesquisa, amostragem, técnicas de entrevista e o uso de microcomputadores no campo. Contudo, não compartilho do ponto de vista expresso pelos autores de que a metodologia de pesquisa antropológica possa ser apresentada de modo ateuórico (*nontheoretical*) ou neutro (*theory-neutral*).

Em suma, pode-se dizer que todos os capítulos do livro são úteis e representam boas introduções aos diferentes temas tratados. Trata-se, portanto, de referência importante que pode ser usado em cursos de pós-graduação como ponto de partida para discussões mais aprofundadas.

Carlos E. A. Coimbra Jr.

Núcleo de Doenças Endêmicas Samuel Pessoa
Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz

Health Transition Review. John C. Caldwell & Gigi Santow (editores). Publicação do National Centre for Epidemiology and Population Health, The Australian National University, Camberra, Austrália, vol. 1 (1), 1991, semestral, ISSN 1036-4005. Assinaturas: *Health Transition Review*, Health Transition Centre, The Australian National University, GPO Box 4, Camberra ACT 2601, Austrália.

Health Transition Review, editada por J. C. Caldwell e G. Santow, vem consolidar a linha de trabalho do grupo de pesquisadores do Centro Nacional de Epidemiologia em Camberra, Austrália, que se dedica ao estudo dos processos de transição da saúde, transição epidemiológica e transição demográfica.

Segundo as palavras de seus editores no editorial do primeiro fascículo, *Health Transition Review* destina-se à publicação de estudos interdisciplinares enfocando as interfaces entre cultura, sociedade, comportamento e saúde: "...we welcome theoretical explorations of the health transition field, methodological contributions, review articles and studies of the cultural, social and behavioural contributions to histori-

cal mortality or morbidity declines" (pp. 1-2).

Dentre os editores associados figuram nomes de destaque internacional nos campos da epidemiologia e ciências sociais em saúde: A. G. Hill (Londres), A. C. Kleinman (Cambridge), S. J. Kunitz (Rochester), S. H. Preston (Philadelphia) e J. E. Rohde (Nova Deli). O Conselho Editorial da revista é também internacional, figurando representantes de diversos continentes, inclusive da América Latina, representada por H. L. Delgado (Guatemala) e J. Frenk (México).

O conteúdo do primeiro fascículo traz, além do editorial, dez contribuições, distribuídas em quatro seções, totalizando 129 páginas. Cinco artigos compõem a seção *Original Articles*. J. C. Caldwell & P. Caldwell analisam as principais conclusões do primeiro encontro sobre transição realizado em Camberra, 1989, e procuram mostrar a importância do conhecimento acerca do processo de transição na redução da mortalidade e da melhoria das condições de saúde das populações. A contribuição de J. Frenk e colaboradores apresenta os elementos básicos para a construção de uma teoria da "transição da saúde". S. R. Johansson analisa a tendência observada em diversos